



NS EM AÇÃO

#193

4 / 2023 (134)

Entrevista com Isabel Medina Peralta

Introdução

No actual número do nosso formato de entrevista "Front Line Reports" entrevistamos a activista nacionalista Isabel Medina Peralta de Espanha para a nova revista em linha alemã da teoria política do NSDAP/AO "Der Angriff (DA)/The Attack". A entrevista foi conduzida pelo seu editor-chefe "Wehrwolf".



www.nsdapao.info

Entrevista

DA: Por favor, apresente-se.

Isabel Medina Peralta:

Eu sou, acima de tudo, um nacional-socialista. Sou um soldado político a cumprir o seu dever. Compreendo que um homem (no meu caso, uma mulher) é definido pelas suas acções, pela sua forma particular de compreender o mundo e de se apresentar nele. O caminho que escolhi é o caminho da acção. "Acredito, luto", este é o imperativo categórico da minha existência.

DA: Quando começou o seu trabalho político e qual foi a sua motivação para o fazer?

Isabel Medina Peralta:

Comecei a minha dedicação à política de uma forma activa aos treze anos de idade. Foi nesse momento que comecei a apreciar a formação e a capacidade cultural de uma pessoa, por isso comecei a ler tudo o que considerava útil. Embora as minhas primeiras leituras versassem sobre filosofia, todos os caminhos levam a Roma e, neste caso, conduziram a uma ideologia política fundamentada e prática. As minhas acções, a minha forma de agir, os meus gostos e apreciações são, e têm sido desde que me lembro, fascistas.

Aos catorze anos de idade comecei a assistir a conferências e manifestações, pouco depois de fundar uma revista de informação política e divulgação, e comecei a notar a transmutação na minha escolha de vida. Mas todos os problemas que a minha filiação política me causou pareciam tolices, o inimigo não sabia que eu lutava pela grandeza e imortalidade! A vontade de desvendar o caos, de pôr de novo em ordem o mundo louco, e de agir como guardião no mais alto sentido platónico da ordem, essa é a tarefa urgente que o Nacional-Socialismo se impôs a si próprio; e é a tarefa que também me impus a mim próprio. A minha motivação é agir pela preservação da beleza e da harmonia, agir pela virtude e situar a arte na máxima vital do centro do universo.

DA: Colaborou/coopera com partidos políticos e/ou organizações dentro de Espanha e/ou mesmo internacionalmente?

Isabel Medina Peralta:

Sim. Como já mencionei anteriormente, comecei a minha carreira política fundando um semanário Jonsista, ou seja, ligado à linha nacional-socialista dentro do fascismo espanhol. O nome que lhe foi dado foi "La Conquista del Estado" em virtude do semanário que iniciou a luta política fascista em Espanha em 1931 sob a caneta de Ramiro Ledesma Ramos. Após a publicação dos meus números, comecei a encontrar camaradas, alguns leitores e outros que aderiram ao projecto. Quando conheci quem é agora o meu camarada mais leal e melhor amigo, comecei com ele um período de militância no Falange, mas anos depois de me entregar ao partido pude verificar que as actuais circunstâncias sociais arrastaram a essência do partido até torná-lo irreconhecível para qualquer um dos seus próprios fundadores. Assim, comecei uma luta em "Bastion Frontal", um grupo de jovens prematuros cujo objectivo principal não era outro senão abalar a consciência pública com base em acções dos media virais. Após a sua dissolução encontro-me a ler e a preparar os novos passos numa estrutura sólida e inquebrável para o futuro. No entanto, participo e luto juntamente com camaradas espanhóis numa associação cultural e internacional, tanto no meu partido "Der Dritte Weg", na Alemanha, como na revista britânica "Heritage and Destiny", na qual colaboro regularmente com artigos. Também mantenho contacto e colaboração com certos partidos no Brasil, França e Itália.

DA: Ainda está ligado ao "Bastião Frontal"? Em caso afirmativo, por favor, conte aos nossos leitores algo sobre a história da organização mencionada e os seus objectivos.

Isabel Medina Peralta:

Bastión Frontal era uma organização militante juvenil baseada na ideia de luta política e acção de rua. Surgiu em Madrid da pandemia num clima de controvérsia política, injustiça social e crise económica, o que, naturalmente, foi propício ao crescimento prematuro do grupo. No entanto, faltava-lhe um comando firme, uma determinação ideológica concreta e perspectivas para o futuro. Quando decidi aderir ao partido, vi claramente que este não tinha qualquer tipo de aplicação duradoura na cena social espanhola e que ele próprio tinha de servir apenas como um grupo de acção para agitar as consciências, conseguindo ecos nos meios de comunicação através de acções determinadas. Neste sentido, cumprimos os nossos objectivos, uma vez que o grupo foi mencionado mesmo no parlamento nacional. Mais tarde, os problemas comportamentais de certas pessoas, a indisciplina e inconsistência de muitos militantes, somados aos problemas legais que as nossas aparições públicas causaram, causaram desapontamento para esmagar o espírito de luta dos nossos soldados. Deixei o partido um mês antes da sua dissolução devido a divergências com um dos líderes, uma vez que estava na Alemanha sem possibilidade de poder tomar decisões do meu próprio país devido a circunstâncias perigosas. A minha decisão foi tomada com base no facto de o futuro do grupo e dos seus directores estar longe do meu pensamento ideológico e da minha ética combativa.

DA: Abordou pela primeira vez o público num discurso a 13 de Fevereiro de 2021 em Madrid sobre a Divisão de Voluntariado Falangista Espanhol da Segunda Guerra Mundial "Azul" ("Divisão de Voluntariado Espanhol"), vestindo a camisa falangista azul. Este discurso suscitou muita controvérsia, mesmo a uma escala internacional. - Explique aos nossos leitores a sua motivação por detrás deste discurso e a sua decisão

de aparecer ali com o uniforme falangista.

Isabel Medina Peralta:

Não consigo realmente explicar porque é que eu estava lá, com apenas dezoito anos de idade, num panteão consagrado a heróis e em frente de 300 pessoas com um microfone. Eu era mais ou menos conhecido em Espanha porque o meu comportamento, e o meu desprezo pelas consequências, fez de uma rapariga um soldado político igual aos homens. Por exemplo, quando eu tinha quinze anos, muitos hooligans de uma equipa anti-fascista britânica vieram a Madrid. Enquanto os meus amigos pensavam e decidiam sobre estratégias, decidi apresentar-me perante eles e levar a cabo uma das minhas próprias ideias, o que foi um sucesso, considerando que aqueles anti-fascistas foram humilhados por uma única rapariga. Também, tendo em conta a minha personalidade e aparência física, leva-me a pensar que certas organizações decidiram dar-me voz nas manifestações para atrair um público renovado e dar uma nova imagem mediática, menos agressiva. Contudo, nesse dia, a "decisão de propaganda" ficou um pouco fora de controlo. Com o meu discurso quis despertar em todos aqueles homens o carácter marcial e ético dos soldados divisionários, queria exaltar o virtuosismo do guerreiro espanhol e a sua história e, sobretudo, queria que o vento fizesse ribombar o eco das minhas palavras, sacudindo os ciprestes do cemitério. Contando a verdade indiscutível, a voz imutável da história que está a morrer nos nossos dias e poucos se atrevem a apontar o dedo ao inimigo. Acredito que meias medidas, que a transgressão ideológica a favor da aquisição de uma opinião melhor de uma sociedade corrupta, nunca levará a lado nenhum, nunca. Penso que alguém tem de sacrificar os seus privilégios pela comunidade e honestamente não me importo de o fazer, porque cumprir o meu dever é a coisa mais importante para um homem com honra. Acima de tudo, tentei consciencializar os militantes de que a vida não vale nada se não formos capazes de a sacrificar a um imenso ideal.

No discurso comecei por parafrasear Adolf Hitler num pronunciamento sobre a gloriosa proeza da divisão espanhola, e depois exortei os camaradas do nosso século a desprezarem as consequências, porque uma multa, uma pequena pena de prisão ou que a sua namorada o abandone por ser um "nazi", nenhuma destas pequenas circunstâncias se compara àquelas que deram a vida pela nossa causa. Como já disse:

"Aqueles que sobreviveram ao frio da estepe russa e ao fogo de Krasny Bor voltaram para desafiar a providência em Berlim, juntamente com a unidade Carlos Magno, juntamente com as SS, por defenderem o que seriam mil anos de grandeza e glória".

A morte não era o fim para eles, era o início de uma era, a era Hitlerista, e hoje devemos lutar como eles já o fizeram, "em cada um dos nossos actos devemos fazer da revolução uma presença, mesmo que a morte chegue até nós; pois nesse caso morreremos sob o sol ou sob as estrelas, mas o nosso sangue tornar-se-á fértil como uma fonte rejuvenescida".

Finalmente, sublinhei a necessidade vital de lutar contra o pai de toda a corrupção, contra o senhor do mundo, o instigador da imigração, da degeneração moral, da crise financeira, por-

que: "É nossa suprema obrigação lutar pela Europa e pela Espanha, agora fraca e liquidada pelo inimigo, o inimigo que será sempre o mesmo embora com máscaras diferentes: o judeu. Porque nada é mais certo do que esta afirmação, a culpa é do Judeu".

Usei uma camisa falangista para o princípio da uniformidade. Mesmo que fosse eu, de todos os participantes, a levantar a minha voz ou a levar o microfone, nada me distingue dos meus camaradas. A camisa azul lembra-nos que estamos todos a lutar por uma ideia comum e que somos todos insignificantes em comparação com essa ideia. Além disso, foi assim que os soldados espanhóis lutaram, camisa azul ao lado da suástica, o símbolo da vida ressurgente.

DA: Infelizmente Franco não aderiu oficialmente ao Eixo. Qual pensa que foi a sua intenção por detrás desta decisão, e pensa que uma aliança poderia ter afectado os esforços de guerra do Eixo de uma forma significativa?

Isabel Peralta:

No início da década de 1930, um novo espírito começou a tomar forma, idêntico ao espírito que já estava a varrer as almas dos jovens por toda a Europa. Este movimento foi fundado por Ramiro Ledesma Ramos, editor e secretário-geral da "La conquista del Estado".

Mais tarde, juntou-se ao Falange de José Antonio, menos combativo, mais moderado, mais católico do que alemão. Naturalmente, isto levou a uma cisão pouco tempo depois. No entanto, tanto Ledesma como José Antonio atingiram o estrato de líderes do fascismo em Espanha. Quando a guerra civil eclodiu, todos os líderes e oficiais das Falanges e JONS foram presos e fuzilados. No caso de José António, a possibilidade que Franco tinha de o salvar é surpreendente, e ele renunciou à proposta de libertação.

Franco, um estratega, educado no mais alto rigor militar, não estava de todo interessado na vida destes líderes, porque sabia que com eles a sua figura era eclipsada e sem valor. Depois de ganhar a guerra, apreendeu o Falange, os seus símbolos, a sua doutrina (pelo menos em teoria) e o seu hino. Fundiu o partido criando um cocktail ideológico entre Carlistas, Fascistas, Conservadores, Liberais e Católicos e, embora se acreditasse que Hitler ganharia a guerra ao avançar com as suas primeiras posições, ele era um apoiante do Führer. Vieram encontrar-se em Hendaye e Hitler declarou que "preferia que lhe arrancassem os dentes um a um antes de voltar a encontrar-se com Franco".

Depois veio o crepúsculo dos deuses, e sob as ruínas de Berlim tudo o que era belo, harmonioso, justo e verdadeiro sucumbiu. Em Espanha a saudação fascista foi eliminada como oficial, as "camisas viejas" das Falanges foram atacadas e eliminadas, trocando-as por tecnocratas, e acabaram por concordar com o sionismo instalando bases militares em Espanha em troca de dinheiro, no mais puro estilo de baixa prostituição, se julgadas de um ponto de vista ideológico...

DA: No seu discurso sobre a "Divisão Azul", mencionou também a influência judaica internacional. Devo dizer que estou bastante impressionado com isso, uma vez que não é comum ver tão claramente em tão tenra idade também em relação a este tópico em particular, e isso não é uma coisa de idade, hoje em dia é difícil falar sobre a influência dos judeus em público, especialmente dentro da UE. Descreva aos nossos leitores como tomou conhecimento do problema dos judeus.

Isabel Medina Peralta:

É difícil, eu sei, mas é essencialmente necessário. O homem precisa de saber qual é o problema, ele precisa de lhe dar uma forma, um rosto, um nome. O nome do problema é judaísmo, judaísmo internacional e o seu total desprezo pelos outros povos e pela disposição harmoniosa das coisas. Especulam sobre a miséria do povo, incorporam ideias nocivas no organismo nacional como parasitas: ontem comunismo, hoje anti-racismo, feminismo ou LGTBI. São parasitas, e os parasitas devem primeiro ser identificados como tal a fim de se proceder à procura de uma cura. Por vezes, o difícil é sermos honestos connosco próprios, nós sabemos-lo, sabemos o quão perigoso é o problema judeu. Contudo, preferimos olhar para o outro lado e distrair os outros com eufemismos afectuosos como "a elite" "o povo escolhido"...Não! Não me importo com as consequências, vivo para a honra, não para o pão e nunca me arrependeria de proclamar a verdade, por mais difíceis que as minhas circunstâncias se tenham tornado depois disso, repeti-la-ia mil vezes mais. Comecei a estudar a questão judaica desde que comecei a estudar o mundo. Por todo o lado em que os seus olhos lhe chegam, encontrou um judeu: a imprensa, bancos, empresas energéticas, petróleo... estudando a história universal, reparou no pormenor casual que desde o Egipto até ao pretor romano, passando por Césares, czares russos, romenos, conquistadores ingleses, espanhóis ou franceses, encontrou um episódio de expulsão em relação ao judeu. Analisa os factos sem preconceitos ideológicos, tira a venda e descobre apenas um nome "O Judeu".

DA: Então, como definiria os seus pontos de vista políticos no total? É falangista na orientação, ou mais na direcção da posição de Francisco Franco?

Isabel Medina Peralta:

Sou um nacional-socialista. Comecei primeiro a minha carreira política no Falange devido à minha devoção a Ramiro Ledesma Ramos e em gratidão pelo sacrifício de José António e dos nossos caídos. No novo Falange tive muitas diferenças ideológicas, uma vez que era um "azul solo" de acordo com os meus camaradas do partido (uma metáfora para a camisa castanha). A camisa azul era a camisa do partido e representava o espírito sério e proletário da classe trabalhadora, e decidi usá-la no discurso, em primeiro lugar, devido ao princípio bem fundamentado da uniformidade, porque num átrio ou na última fila, sou mais um soldado e não mereço distinções de qualquer tipo. Em segundo lugar, porque sob o uniforme da Wehrmacht dos soldados falangistas espreitaram aquele azul que recorda a nossa nação e a sua gloriosa história, como diz o seu hino "glória à pátria que soube seguir o caminho do sol sobre o azul do mar", conquistando o mundo inteiro.

Mesmo assim, a minha doutrina é puramente nacional-socialista e só obedeço às ordens dos deuses ou de Hitler, pelo que qualquer novo partido que queira verter ou "diluir" a sua essência como se fosse má, qualquer "quarta teoria política" é-me apresentada como uma transgressão ideológica e uma falha muito grave por desonra para com os deuses.

DA: Pessoalmente, penso que os antecedentes da Guerra Civil Espanhola de 1936-1939 são um bom exemplo da situação em que se encontram hoje todos os países do mundo ocidental, e só por isso também me parece uma pena que a história da Guerra Civil Espanhola seja ainda rara para muitas pessoas fora de Espanha. - Qual é a sua opinião sobre este tema? Pensa que as circunstâncias das enormes tensões políticas entre a esquerda e a direita que mais tarde provocaram a Guerra Civil Espanhola são (de alguma forma) semelhantes à situação actual no mundo ocidental?

Isabel Medina Peralta:

A minha resposta a esta pergunta já foi dada por José António, Primo de Rivera, no início da manhã da sua execução: "Desejo que os meus sejam o último derramamento de sangue espanhol em luta civil, espero que o povo espanhol, tão rico em boas qualidades cativantes, encontre a paz e uma pátria de pão e justiça". No entanto, e tomando a situação de um ponto de vista prático, o povo espanhol raramente concordou um com o outro. Perdemos o nosso império em parte devido ao financiamento judeu que os navios ingleses receberam, em parte devido à discórdia interna. A causa da queda do nosso império solar não é outra senão a desorganização interna e a falta de harmonia. Hoje podemos ver semelhanças. A proclamação da Segunda República não foi mais do que o triunfo do liberalismo e do individualismo sobre o nosso povo. Às vezes à esquerda, às vezes à direita. Hoje podemos ver estas ideias obsoletas e sem sabor materializadas no "Partido Popular" e no PSOE (um partido que já estava presente no panorama político daqueles 30 anos).

Fora destes dois estratos, cada dia mais homogêneos um com o outro, devemos unir o resto das ideias e práticas. É assim que surgem Vox e Podemos. Festas semelhantes à Liga de Mateo Salvini ou AFD na Alemanha e os seus consequentes adversários. Mas o que dizer dessa esquerda verdadeiramente radical? E aquele nacionalismo fanático que estava presente no Falange? Não há lugar para estes partidos ou ideias na democracia de hoje. A nossa era é caracterizada por um universalismo pueril, uma total falta de valores e ideias, e uma queda na moralidade colectiva. Temos de quebrar esta situação e transmutar estes valores decadentes, pois nada mais necessário do que o fanatismo, e o fanatismo está hoje ausente.

DA: Quais são os principais problemas no seu país?

Isabel Medina Peralta:

A Espanha já não é uma nação soberana, agora é uma pequena parte desse conglomerado que constitui a União Europeia, e ainda mais, o mundo globalizado. Por conseguinte, o problema de Espanha não reside no nosso próprio território, mas na sua subjugação a potências

estrangeiras.

Em primeiro lugar, e como a consequência mais importante deste grave problema, encontramos a suplência racial, que, embora não seja tão pronunciada como em Londres ou Paris, é um problema tangível que avança a um ritmo destrutivo, ameaçando a ordem natural, a policromia do mundo e toda a beleza que a Espanha, como nação, comunidade e povo, poderia trazer ao mundo. Estudos do Instituto Nacional de Estatística revelam que só em Almería pode ser registada a entrada de 58.000 imigrantes ilegais em pequenas embarcações. Em Barcelona já existem guetos, subúrbios que parecem deixados à sua sorte e que são semelhantes a viajar centenas de quilómetros para um canto nauseabundo de África. Isto pode fazer aumentar as taxas de violência, crime ou vandalismo, mas não é exactamente o problema subjacente. O comportamento selvagem pode muito bem ser corrigido pela deportação. Não podemos concentrar o nosso discurso neste tipo de conduta, mas devemos, pelo contrário, abrir os nossos olhos e perceber que mesmo os Marroquinos mais honestos terão aqui os seus cinco ou seis filhos, que nascerão em território nacional e terão ambos documentação espanhola, crianças que poderão votar e decidir, e implementarão a sua cultura que não é nem espanhola nem europeia, num território já ocupado que permanecerá apenas como memória num livro de história como aquela nação que conquistou as Américas ou escreveu Dom Quixote. É o que acontece hoje, vorazmente, avançando e esmagando tudo o que é belo, deixando os restos da raça branca, civilizadora e criativa a apodrecer ao sol como um cadáver. O problema da imigração é acompanhado pela baixa taxa de natalidade no meu país, localizado dentro da UE como uma das nações com a mais baixa taxa de natalidade. Os espanhóis são abandonados ao hedonismo, ao individualismo ou correntes mais absurdas como as feministas ou as modas homossexuais, tornando quase impossível a regeneração natural do tecido racial.

Por outro lado, a precariedade económica, a falta de infra-estruturas, o constrangimento militar e o controlo de potências estrangeiras com bases militares no nosso próprio território, a falta de um exército vigoroso e não de uma lista de sepulturas ao serviço da OTAN. Todos estes problemas coexistem à sombra do que outrora foi chamado Espanha. Mas temos de ir ao âmago da questão. O judeu é aquele que desestabiliza os países subdesenvolvidos e dirige as ondas de imigração para a Europa; é aquele que está encarregado de preparar os povos civilizados para a sua invasão com a sua verborreia humanitária e tolerante, que engana as mulheres para as despojar da sua maior virtude, que distrai o homem e o torna fraco, que desestabiliza a economia e cria interesses compostos e antinaturais. Esse é o problema, eliminando o controlo que os judeus internacionais exercem sobre a Espanha, sufocando o nosso povo até à morte, a civilização seria posta de novo em ordem. A culpa é do judeu.

DA: Qual é a sua posição relativamente à (alegada) União Europeia (UE)?

Isabel Medina Peralta:

Richard Kallergi concebeu um plano no início da década de 1920. Este plano foi chamado "Pan-Europa" e entre as suas máximas devemos destacar em tenor literal o seguinte preceito "as raças

brancas da Europa devem ser destruídas e substituídas por uma nova raça de negróides - eurásianos dóceis e fáceis de dominar". A máxima vital do judaísmo é dominar e subjugar as nações do mundo para efectivar a palavra do seu Deus, o controlo sobre o mundo da "raça nobre". Esta raça "nobre" não é como as raças africanas ou mongolóides, passivas, inofensivas e úteis na policromia da lei natural, pelo contrário, a raça judaica é destrutiva, parasitária, prejudicial. Para exercer um controlo total sobre um território mais ou menos extenso, deve ser criado um conjunto de leis comuns, alguns preceitos ideológicos globais, um sistema monetário idêntico. Já o fizeram em Roma, e tentaram proceder dessa forma até que um pintor austríaco lhe pusesse fim. Depois, na Gotterdammerung, a Europa tinha ficado sem luz, sem guia, e era tempo de levar a cabo o plano que Kalergi já tinha concebido. A bandeira foi concebida por ele (as doze estrelas representam as doze tribos de Israel), sendo as suas máximas o universalismo, o consumismo e o individualismo. A grande maioria dos países que contribuíram para o mundo são dominados; os povos civilizadores, a raça criativa, sob o mesmo símbolo e moeda subjugada à transacção do dólar e ao sistema de reserva federal.

É verdade que cada país pode ter as suas próprias leis, mas de acordo com a sua constituição elas não podem ir contra as máximas da União Europeia. No caso da Espanha, sendo a nossa constituição anterior, esta teve de ser modificada. O nosso sistema jurídico deve também adaptar-se à legislação aplicada a partir de Bruxelas. Por exemplo, em Setembro, foi aplicada uma nova lei para a protecção do judaísmo, em conformidade com a IHRA. Por outras palavras, a União Europeia é um organismo estranho à Europa, ao seu génio particular e ao seu sistema ético. É parte da doença.

DA: Por falar em UE: em Março de 2022 a polícia espanhola contactou a polícia da República Federal da Alemanha (RFA) relativamente à sua viagem à Alemanha. Depois revistaram-no no aeroporto de Frankfurt/Main e, depois disso, levaram a cabo um processo judicial devido à alegada "promoção da propaganda NS". Este incidente fez manchetes tanto na Alemanha como em Espanha naqueles dias. Como é que esse caso legal acabou por se revelar para si?

Isabel Medina Peralta:

Fui absolvido e os meus pertences foram devolvidos em Setembro. O meu advogado está agora a lutar por uma indemnização. Depois desse incidente voltei, embora de autocarro, e vivi durante meses sob o nome de "Francesca Rienzi", uma estudante de arte italiana na Universidade de Florença. No entanto, a situação tornou-se muito mais complicada após uma viagem a Inglaterra, onde fui detida no aeroporto de Manchester ao abrigo da lei anti-terrorista. Após 6 dias de detenção no país britânico sem telemóvel ou computador, deixaram-me em paz. Nessa altura, viajei para a Bélgica, de onde decidiria o meu destino. Havia em mim uma ordem de busca e rastreio da Interpol. Sabia que tinha de voltar ao meu país e esperar que a situação relaxasse. Mas eu tinha um compromisso com o meu partido na Alemanha e com os meus camaradas e tinha de ser coerente com o que prego. Apanhei um autocarro e, após uma viagem de muitas horas, cheguei à Alemanha. Fui para a manifestação e cumpri o meu dever. Após algumas semanas, quando estava numa cafetaria em frente a uma bela catedral gótica a apreciar as minhas leituras, recebi uma chamada do meu trabalho e outra dos meus vizinhos: a polícia estava à minha procura. Tentei sair de lá mas, em pouco tempo, a polícia apanhou-me, pois tinham o meu tele-

fone geolocado e cortaram as entradas e saídas da cidade em que eu estava.

Uma lei de 1947 tinha sido aplicada a mim, e pela primeira vez na história moderna da república federal alemã um cidadão da União Europeia foi permanentemente expulso sem a premissa de ter cometido anteriormente um crime ou nem sequer ter sido julgado. De acordo com a república federal era considerada uma ameaça real para a ordem democrática do país. Uma rapariga de 20 anos considerada o maior perigo para um dos países mais fortes da Europa? Sim, porque têm medo, estão habituadas a proibir e essa proibição é respeitada por medo, mas como assinei e jurei na minha declaração policial, "*A minha honra é a Lealdade*". Lutarei pela Alemanha, pela Europa e pela memória de Adolf Hitler como fizeram os primeiros cristãos, com um fanatismo que vos impele a abraçar a morte com um sorriso no rosto. Hoje a república federal está a trabalhar em recursos e recursos no Tribunal de Justiça Europeu para me proibir a livre mobilidade através do território Schengen (um direito incluído nos títulos 1 e 2 dos tratados da União Europeia e dos direitos humanos). Desejo-lhes sorte.

DA: Qual é a sua opinião sobre a situação política na Alemanha (nas suas partes: República Federal da Alemanha, República Federal da Áustria e Luxemburgo)?

Isabel Medina Peralta:

É um regime de ocupação, tanto militar, económica, como judicial. Esse conglomerado de documentos que compõem a constituição centra-se naquilo que consideram ser o principal problema do país: o avanço do nacional-socialismo. Esforçam-se por proibir tudo, os símbolos, a história... mas acima de tudo esforçam-se por lutar contra a verdade. Querem reduzir e subjugar uma das raças mais capazes da história da humanidade. Querem fazê-los esquecer o que é ser alemão, não produzir culturalmente, cientificamente, teoricamente. Querem despojá-los do seu carácter particular e reduzi-los a um povo fraco e doente, sem personalidade ou identidade. A Alemanha não é soberana nem se governa a si própria; a Alemanha é um país de escravos, e para a subverter precisa de uma revolução popular inserida no quadro da cooperação internacional. Os nacional-socialistas de todo o mundo devem isso a Adolf Hitler.

DA: A Espanha, como uma das fronteiras europeias nesta área específica, foi uma das principais vítimas da imigração em massa e da crise dos "refugiados" em 2014/2015. Haverá ainda efeitos mensuráveis desta crise histórica? E quanto à situação em território espanhol no Norte de África?

Isabel Medina Peralta

Naturalmente, bem, muitos deles conseguiram instalar-se. O problema não é tanto a despesa económica, embora esta seja muito elevada e magnanimamente superior ao dinheiro do Estado que é inserido na maternidade, arte ou investigação e desenvolvimento; mas racial, uma vez que a coexistência de elementos biologicamente diferentes não é possível. Os seus cos-

tumes, ética ou capacidades são essencialmente diferentes dos nossos e serão sempre elementos prejudiciais fora dos seus territórios naturais, uma vez que isso desestabiliza e dificulta a nossa sociedade. Se já estamos a falar de miscigenação, suplantamento racial, então teremos de decidir que é um problema a ser erradicado o mais rapidamente possível, uma vez que um bairro destruído pode ser reparado, mas a mistura de sangue leva gerações e séculos a harmonizar novamente, e mesmo assim nunca voltaria ao primeiro item.

DA: E a nova imigração em massa e a crise dos "refugiados"? Será a Espanha afectada por esta como outros países? Em caso afirmativo: de que forma?

Isabel Medina Peralta:

É algo desastroso e temos de fazer aqui um exercício de meditação. Temos de compreender que estes homens representam vidas humanas e que vêm aqui por seu próprio risco fugindo de um conflito ou de circunstâncias que não são de modo algum propícias à vida. Eles não são os culpados, embora cheguem à Europa, e muitos cometem crimes e causam terror. Temos de compreender que essas pessoas não são capazes de compreender o mundo tal como o entendemos, a nossa cultura e comportamento civilizado não podem ser exigidos a elas. Não podemos exigir-lhes que, em vez de lutarem e criarem bandos, peguem num piano e executem uma serenata. Não podemos e não devemos fazê-lo porque eles não são nós; o que devemos fazer é preservar a beleza do mundo, as danças tribais dos Surma, os ritos dos Masai e as esculturas de Botticelli ou as óperas Wagnerianas, já que tudo constitui a policromia do mundo, o rico tesouro da diversidade. Agora, para que isto exista, todos precisam de estar no seu lugar, em harmonia com o seu ambiente e a sua comunidade, porque se forem introduzidos na Europa, nunca serão europeus e o caos será tangível. Por conseguinte, para erradicar o problema da crise da imigração, devemos ir à sua essência, assinalar o que cria guerras nesses países, que escreve "Refugiados Bem-vindos" às portas da Europa e se vangloria do conflito natural que esta colecção de raças provoca. São pessoas e a bondade Ariana deveria ajudá-los, nos seus países, a lutar contra a raiz do problema.

DA: A imigração maciça é uma ameaça para os espanhóis? Em caso afirmativo: de que forma?

Isabel Medina Peralta:

É uma ameaça em termos da desestabilização que eles representam. Por exemplo, a nível económico, recebem ajuda estatal que sai do bolso do contribuinte e não está destinada a reparar, por exemplo, a bela arquitectura das nossas cidades. É uma ameaça na medida em que aceitam empregos pagos com salários indignos com os quais um espanhol que não recebe ajuda e vive legalmente, pagando os seus impostos e a sua casa, não poderia sobreviver, e por isso o empregador desvaloriza os salários e o espanhol não tem outra escolha senão aceitar esse salário indigno graças à lei da oferta e da procura. Mas o principal problema reside na perda da nossa identidade etnocultural, do nosso ambiente natural e do princípio de uma comunidade homogénea onde os seus problemas são os do seu vizinho.

DA: Qual é a solução para acabar com esta crise de imigração maciça e de "refugiados" para Espanha e para o resto da Europa?

Isabel Medina Peralta:

Temos de lutar contra a alta finança, contra o domínio judeu internacional e o seu sistema estabelecido; consciencializar os nativos de que não é nossa responsabilidade assumir o comando e que a compaixão não é a negação da sua própria vida. Faz ver aos teus irmãos que eles não são como nós, que os seres humanos, como qualquer outra espécie, apresentam diferenças marcadas e irreconciliáveis e que amar as raças não significa misturá-las e destruí-las, mas sim ser racista e lutar pela pureza e preservação das mesmas. O racismo deve ser visto como uma ética natural e positiva, e para isso, os racistas devem ser exemplares, não se deixarem levar pelo comportamento absurdo de chamar "macaco" a um negro na rua, porque ele não é um macaco. Temos de agir sempre com exemplaridade e justiça, sendo os defensores, representantes e guardiões da raça superior. O ariano deve ser a luz do resto do mundo.

DA: A actual crise de refugiados está a conduzir ao recrutamento de membros e/ou à influência/potência política de organizações nacionalistas em Espanha?

Isabel Medina Peralta:

Há alguns meses, teve lugar um episódio violento em Ceuta e Melilla: 9.000 imigrantes atravessaram violentamente a fronteira, espancando polícias, ocupando casas e violando mulheres. Nessa altura parecia haver mais nacionalistas do que nas SS, mas depois de um par de tweets estas pessoas dispersas e não se pode contar com eles para organizar um grupo que iria para o foco da crise para a combater. Tudo o que é necessário para "desencadear" estas pessoas é um acto violento que desperta ódio e repulsa, e isto é ineficaz, uma vez que o ódio não conduz a acções resolutas. É necessário compreender claramente, com justiça, que lutar contra eles não deve ser uma acção movida pelo ódio, mas pelo amor para com o seu povo e a sua família e para com a posição do mundo. Só os homens que compreendem isto estarão dispostos a dar as suas vidas.

DA: Quão forte é o inimigo no seu país?

Isabel Medina Peralta:

Aparentemente, o problema não é tão grave como noutros países europeus. Em 1492, os judeus foram expulsos do nosso reino e conseguimos tornar-nos no maior império da história moderna. Contudo, embora não tenhamos o problema que a Ucrânia, Alemanha, Roménia ou Polónia têm, temos e temos tido um problema sério. Os judeus estão sempre lá, não basta expulsá-los apenas

do nosso país ou forçá-los a converterem-se (como foi feito na Inquisição) porque "eles são os senhores da mentira" e voltam a instalar-se, escondidos mas em posições estratégicas. O tipo judeu mais comum na história de Espanha não era o Ashkenazi como era a desgraça dos nossos irmãos europeus, mas o sefárdico: um tipo judeu menos barulhento, não tão interessado na política e em revoluções sangrentas. Ele era um judeu cultural que já estava a preparar aquela "lenda negra" tão difundida sobre o nosso povo. É um judeu influente que se incorpora em órgãos governamentais e burocráticos, que se torna o conselheiro de um rei ou de um presidente republicano. Franco ajudou grandemente os judeus internacionais a estabelecerem-se também em Espanha, aceitando os seus empréstimos e dando concessões.

Agora a Espanha tem a mesma influência judaica que o resto da Europa, uma vez que não existem empresas nacionais. A sua moeda é também o euro e está subjugada aos juros e à dívida judaica; os sistemas energéticos não são propriedade dos principais fornecedores, mas têm a marca de Yahweh inscrita nos seus apelidos. O cinema ou a imprensa que é consumida é também judaica. Somos parte do mundo e o mundo de hoje tem um proprietário.

DA: O seu trabalho político já suscitou muita controvérsia, especialmente devido à forte pressão exercida pelo sionismo internacional. Sofreu/d sofreu alguma consequência por isso na sua vida quotidiana? Em caso afirmativo, por favor explique. Explique também aos nossos leitores mais jovens como lidar com a repressão.

Isabel Medina Peralta:

Sim, estaria a enganar-me a mim próprio se o negasse. O caminho de um soldado político não é um caminho de rosas, não é divertido ou agradável; é de sacrifício constante. Antes de me tornar uma figura conhecida na luta, o meu pai expulsou-me de casa por causa do meu compromisso militante. Perdi amigos e familiares, e é claro que é muito difícil manter uma relação romântica nas minhas circunstâncias. Fui despedido de empregos e negaram-me contratos apenas por razões ideológicas. Muitas vezes sou detido sem razão, não posso viajar (e se viajo para países onde me é permitido entrar tenho de ser detido durante dias na alfândega), tenho processos em curso, e num deles pedem-me três anos de prisão por uma manifestação organizada no contexto de uma crise migratória marroquina. Em Fevereiro de 2021, tornei-me considerado um terrorista por vários países da Europa. Mas honestamente, embora seja naturalmente importante para mim e me afecte, aceito estas consequências com alegria, porque sei que estou a lutar por uma causa maior do que a minha própria vida.

O meu conselho pessoal é que os jovens militantes que ainda são pontuais tentem não perder o apoio da sua família e amigos de infância, pois não devemos abandonar essa parte da nossa vida porque estamos a lutar precisamente para a preservar e fortalecer. Se isso for impossível, então, avancem, temos de ser estóicos e cumprir o nosso dever. Devemos situar-nos como indivíduos insignificantes e desprezar os nossos prazeres e luxos, mas ao mesmo tempo valorizarmo-nos como fontes e baluartes de uma ideia imortal: graças a nós, a chama do Nacional-Socialismo é mantida viva.

Tem de se ser fanático, o fanatismo move montanhas e a nossa vontade tem de ser inquebrável: Tão duro como as nossas águias de mármore e tão leve como a nossa bandeira; Tendes de aprender a sacrificar.

DA: A ZOG também tenta "deplorar-te" (tirar-te da política ou fazer com que sejas processado) Como é que lidas com isso?

Isabel Medina Peralta:

É uma consequência natural que assumo como parte do caminho que decidi seguir.

DA: Tem projectos/planos para o futuro?

Isabel Medina Peralta:

Continuar a formação, estudar, ler, investigar, contribuir culturalmente com escritos e actos... etc. Estou actualmente a trabalhar num livro que espero publicar em breve. Os meus planos para o futuro não são outra coisa senão continuar a lutar pelas nossas ideias, sem descanso. Na militância de um homem há dois pólos que não devemos ignorar, Siegfried e Godmund: a águia e a serpente, a contemplação e a acção. Sem uma base doutrinal, uma acção resolvida não pode ser realizada, e sem acção, as ideias não valem nada mais do que recolher pó numa prateleira. Mais especificamente, estou a preparar-me para poder levar a cabo aquilo que a República Alemã parecia intuir no seu decreto de expulsão: O nacional-socialismo como um grande gigante organizado em toda a Europa e nos países irmãos. Propus-me lutar para que o nacional-socialismo voltasse a ser legal e fosse visto pelo que é, uma doutrina que deve transmutar o futuro da nossa era.

DA: Quer recomendar alguma literatura? Em caso afirmativo: que livros?

Isabel Medina Peralta:

Recomendo vivamente aos nacional-socialistas de língua inglesa que façam um esforço de tradução de peças espanholas, pois são imensamente ricas. Recomendo a tradução e publicação no vosso país de "La Conquista del Estado" e "Fascismo em Espanha?" de Ramiro Ledesma Ramos. Recomendo também a leitura de "Nuestras Ideas" de Ramon Bau, um texto ideal para introduzir os novos camaradas à nossa visão do mundo. Por outro lado, acredito que para ser um nacional-socialista e compreender verdadeiramente o seu significado, o jovem militante deve conhecer primeiro obras como a Ilíada, que considero a "Bíblia dos Arianos", bem como romances de cavalaria, O Fausto, as principais tramas wagnerianas, etc... Primeiro é preciso saber o que significa ser europeu (na Europa ou na América) para poder lutar pela sua raça. Finalmen-

te, o principal, o que não é corrompido ou transgredido pelos ventos da nossa época. A pedra angular das nossas ideias, MEIN KAMPF e os discursos do Führer, bem como os livros essenciais da biblioteca do partido, tais como "O manifesto contra a usura e a escravidão ao interesse" de Feder.

DA: Obrigado pela entrevista. Continuem o bom trabalho. A vitória é nossa! Sinta-se à vontade para acrescentar algumas palavras finais aos leitores.

Isabel Medina Peralta:

Quero agradecer-vos o trabalho louvável que fazem com as publicações da vossa revista, bem como o vosso interesse em conhecer a história da minha nação e em dar-me um espaço para expor os problemas que sufocam o meu país e o meu continente.

A vitória será nossa e o império de mil anos triunfará.

Heil Hitler!



NS KAMPFRUF
KAMPFSCHRIFT DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITERPARTEI AUSLANDS- UND AUFGEBUNGSGEMEINSCHAFT

Number 104 Ausgabe 1075 26. April 2017 42. Jahrg.

Der Kampf geht weiter !

Halbtag Jährlich nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung wieder da zu sehen in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

Tabakerei von Massenmord, Verdrängung, Verdrängung und Verdrängung haben nicht aufgehört, das kann der gesamte Welt unsere hoch gelobten Führer Adolf Hitler zu danken sein.

Alle Nationalsozialisten sind weniger affektive Völker- und Rassenmenschen als die Schlichter im Kampf um die Erhaltung unserer weißen Völker.

Die Bewegung ist zwar wieder geworden, aber die Größe der biologischen Vielfalt ist heute noch viel geringer als in der Vergangenheit.

Der wertvollste Gegenstand ist aber nicht die Volkstugend - gegen alle weißen Völker (?) - zu begreifen. Seine Macht und Einwirkung, Chiffrengebung und Kennzeichnung.

Ob "Hegel" oder "Gödel", ob im Weltkrieg oder im Stromerzeugung, ob auf Propagandaarbeit beruht oder auf einem Schicksalsschicksal. Am 1. Juli Nationalsozialisten hat seine Pflicht!

Hilf Hitler!
Gottfried Lenz




Boletim de Notícias NS
www.nsdapao.org

#1005 19.06.2022 (133)

NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade (www.measuringthousandcent.com/ truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informações. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pensar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado



the **NEW ORDER**

Number 179 (2021) Founded 1978 April 26, 2021 (126)

The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the postwar National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other socially-aware Europeans and racial kinemen fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are non-White immigration, culture destruction, and neo-nazism.

Whether "Hegel" or "Gödel", whether in election battle or street battle, whether armed with propaganda material or on a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

Hilf Hitler!
Gottfried Lenz



O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO nsdapao.info